

Cartas

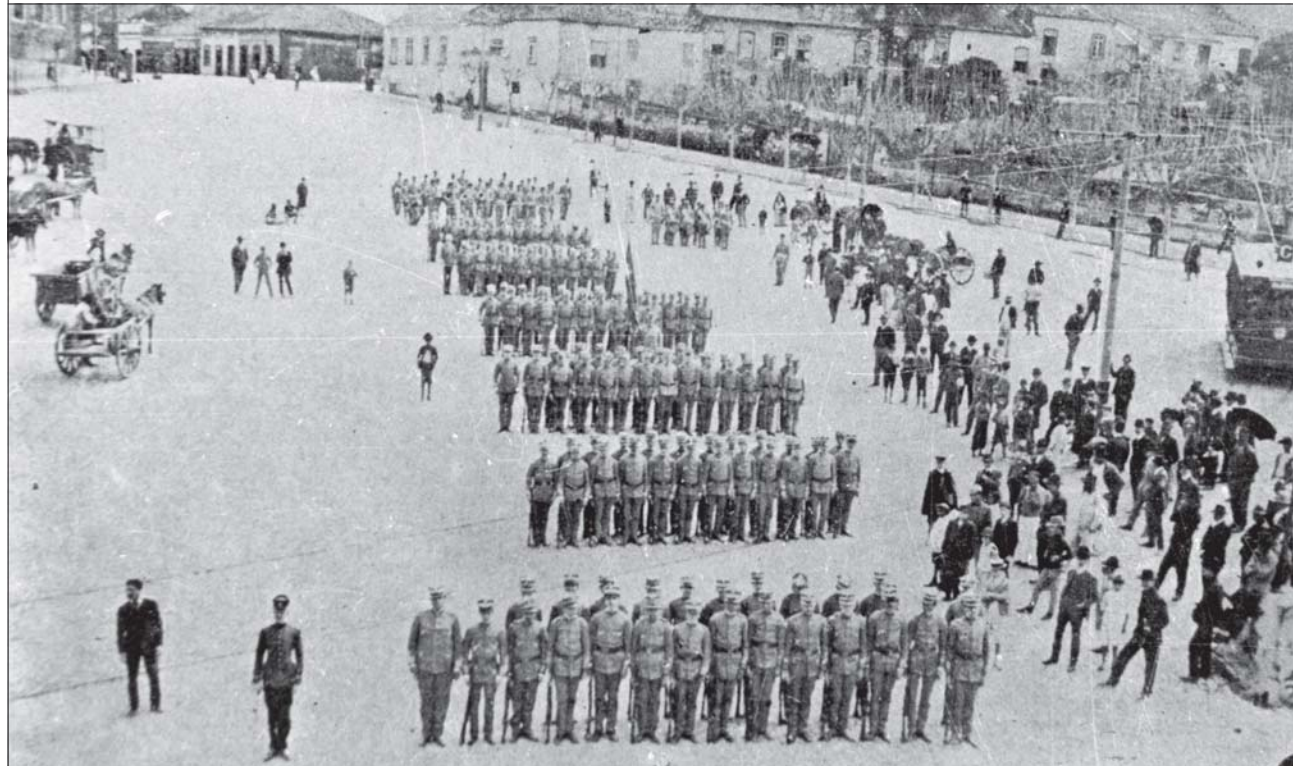
A coordenação, professores, monitores e jovens participantes do Projeto Navegar da Esef agradecem ao Jornal da nossa Universidade pela excelente reportagem sobre o projeto. É uma alegria muito grande ver nosso trabalho reconhecido e divulgado para a comunidade universitária. Em função da reportagem (publicada na edição de junho), já recebemos inclusive a doação de três barcos para o projeto. A matéria é um forte agente motivador na busca de uma interação cada vez maior com a comunidade, beneficiando não só os jovens das escolas públicas, como também nossos estudantes, a medida que abrimos mais espaços para que vivenciem experiências práticas de ensino.

Prof. Ricardo Petersen
Coordenador-geral do Projeto Navegar

Leio o JU e aprecio todos os artigos, notícias e opiniões, mas quero colaborar com uma necessária correção: a fotografia que está na página dois da edição de julho, nº 101 não se refere ao descrito. Conhecedor do Campus do Vale, há 30 anos, afirmo com toda a certeza que a foto é do Bloco III e foi tirada de um antigo mirante localizado quase no alto da atual escada de acesso ao Bloco IV sobre uns rochedos ali existentes. Vê-se no alto acima dos prédios o IPH e à esquerda o bairro Jardim Universitário do qual sou morador. Outra correção é a de que os Institutos de Biociências estão localizados no Bloco IV com a exceção do Departamento de Genética, que está no Bloco III, no segundo prédio (em esqueleto na foto) da esquerda para a direita. Saliento também que está começando a troca da nomenclatura de bloco para setor aqui no Campus do Vale. Um abraço a todos.

Canisio Alberto Frantz
Servidor da Prefeitura do Campus do Vale

Memória da UFRGS



▶ Alunos da Escola Estadual Júlio de Castilhos durante apresentação pública nas ruas de Porto Alegre, na primeira metade do século passado. A instituição é lembrada como a melhor do estado pelo psiquiatra Ellis Busnello, entrevistado do Perfil nesta edição

Espaço da Reitoria

A Extensão na UFRGS Compromisso com a comunidade

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mais uma vez, demonstrou o quanto é rica, permanente e profunda sua interação com a comunidade.

A realização do 8º Salão de Extensão, além de reafirmar uma iniciativa consolidada, deu-nos a oportunidade de conviver com diversos grupos sociais organizados e escolas que trouxeram cerca de mil estudantes para visitar os estandes e participar de brincadeiras realizadas no Espaço Lúdico

Infantil instalado na Sala Fahrion. A participação efetiva dos professores e alunos extensionistas que contabilizaram mais de 600 pessoas presentes nas 39 oficinas realizadas, 207 apresentações de alunos em comunicação oral e 130 alunos expositores em pôsteres, permitiu que toda a comunidade interna e também os visitantes conhecessem um pouco mais das ações de extensão através de oito estandes de projetos que foram instalados no Salão de Festas com a mostra dos produtos e a possibilidade de

contato direto com os envolvidos nestas atividades.

Acreditamos que assim como as discussões sobre o tema proposto – neste ano, a Sustentabilidade –, o grande legado deixado pelos Salões de Extensão é o fato de que a publicização de seus projetos e atividades incentiva a cada edição mais e mais pessoas a se engajarem nas atividades de extensão de nossa Universidade.

Parabéns!

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Artigo

Feriados cívicos: a história da devoção à identidade nacional

Os feriados cívicos tiveram origem na separação Igreja-Estado, resultante dos processos desencadeados a partir da Revolução Francesa de 1789. Até o final do século XVIII comemoravam-se os eventos religiosos ou, no máximo, aqueles relacionados ao poder absoluto dos reis ou dinastias. Também o conceito de passar um dia sem trabalhar, com exceção do domingo que tem historicamente uma significação religiosa, somente adquire sentido a partir da industrialização, do advento do capitalismo e da luta dos trabalhadores pela garantia de folgas remuneradas.

A burguesia em ascensão descobriu a mobilização emocional e o efeito positivo que as celebrações cívicas desempenhavam. Louvar a independência, a república ou a revolução, processos que transformaram aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais das sociedades em questão, tem como objetivo enaltecer a identidade nacional. Nesse sentido, até o advento das nações modernas, dotadas de um território, língua, religião e aspectos histórico-culturais comuns, os objetos de adoração e identificação dos povos eram a religião ou o poder despótico dos reis.

Mas, como a nação, diferentemente da religião ou dos monarcas absolutistas, não cobra um preço alto pela não-devoção, o “convencimento” da importância das datas cívicas deverá ser muito maior do que aquele que era utilizado para adesão aos feitos dos reis ou dos santos.



Pensadores iluministas, liberais ou positivistas estimularam a “religiosidade civil”, fenômeno que forneceu as bases para o culto aos homens comuns que de algum modo tivessem contribuído para instauração de transformações sociais ou políticas que merecessem lembrança.

Em pelo menos dois momentos da história brasileira, a adesão aos eventos cívicos tornou-

se obrigatória e permeada por instrumentos coercitivos: na ditadura de Vargas, o chamado Estado Novo, e durante a ditadura de Segurança Nacional, a partir de 1964. Os feriados nacionais eram então veículos de propaganda dos regimes ditatoriais e tinham como objetivos a integração popular ao discurso oficial, servindo para divulgar uma versão da história nacio-

nal condizente com os grupos sociais que estavam no poder. Por isso, “marchar no Sete de Setembro” ou assistir o discurso de Vargas nas “comemorações do Primeiro de Maio” eram atividades compulsórias para as escolas e repartições públicas.

Nos períodos democráticos, abre-se espaço para as disputas em torno da construção da história dos eventos nacionais. O célebre questionamento “Final, o que estamos comemorando?” passa a fazer parte dos debates na imprensa e na escola, sobretudo no ensino superior. Também se torna comum a disputa em torno das datas (comemorar a abolição da escravidão, no 13 de maio, ou o dia nacional da consciência negra, em 20 de novembro?) ou em torno de nomes (Colombo ou Cabral, Tiradentes ou D. Pedro I, Princesa Isabel ou Zumbi dos Palmares?). Esses debates contagiam a sociedade que passa a se interessar mais pela história do país e tem acesso a outras versões da independência, da proclamação da república, da revolução, ou da abolição da escravidão.

Assim, ainda que aparentemente as ditaduras atraíssem mais público para as festas cívicas, é na democracia que as pessoas aderem mais livremente à nacionalidade e quando se fortalecem os sentimentos de identidade nacional.

Claudia Wasserman
Professora do departamento de História



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Antônio Sanseverino, Artur Lopes,
Dirce Maria Antunes Suertegaray,
Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda,
Helen Beatriz Frota Rozados,
Márcia Benetti Machado,
Maria Henriqueta Luce Kruse

Editora-chefe
Ánia Chala
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres desta edição
Ánia Chala, Caroline da Silva
e Jacira Cabral da Silveira

Bolsista
Juliano Tatsch (jornalismo)
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira

Fotografia
Cadinho Andrade, Camila Ross
e Flávio Dutra

Revisão
Ánia Chala, Caroline da Silva
e Jacira Cabral da Silveira

Colaboraram nesta edição
Fatimalei Lunardelli
Marcelo Spalding

Circulação
Arthur Bloise

Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS

Tiragem
12 mil exemplares

e-mail: jornal@ufrgs.br